

# Calha Norte

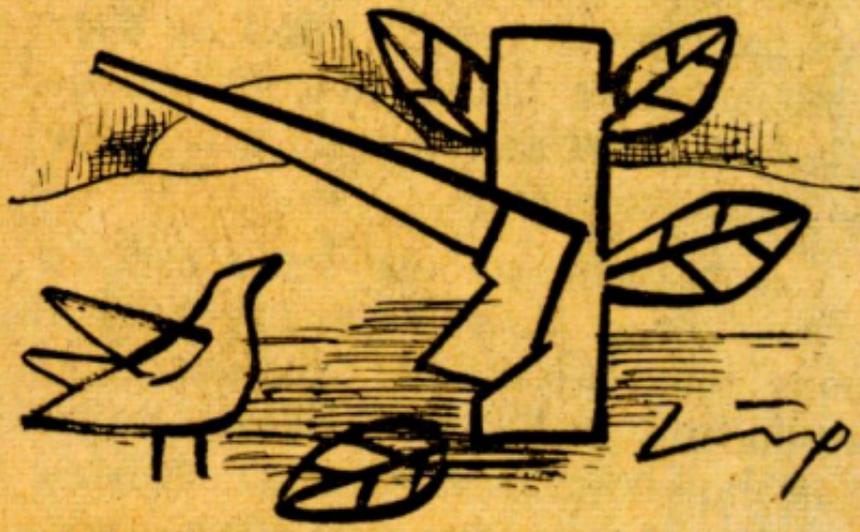
JB 22.4.87  
CARTAS

A lúcida entrevista do professor Aziz Ab'Saber, no nº 10 da revista AU — **Arquitetura Urbanismo**, é um documento fundamental e indispensável a qualquer brasileiro que pretenda participar do movimento em defesa dos nossos valores naturais. Nessa entrevista, Aziz condena o projeto Calha Norte, que prevê a militarização de toda a parte norte do país, com o estabelecimento de fortificações na fronteira, o que sugere uma estratégia medieval, como se um forte pudesse deter os mísseis que hoje se fabricam. Conseqüentemente, desaparecerá mais uma parte significativa da floresta e, com ela, a fauna e os índios. Tomar conhecimento de que se pretende perpetrar um crime de tamanha magnitude contra a Amazônia, portanto contra a humanidade, é o mínimo que se espera dos que desejam levantar a bandeira conservacionista.

O pronunciamento de Aziz leva à reflexão de que a chamada Nova Repú-

blica não tem nada de nova. A arbitrariedade nas decisões coloca, sem qualquer dúvida, em cheque o que se convencionou chamar de processo de redemocratização das instituições. Como é possível que se pense, hoje, em implantar um projeto que traz, em si, o ranço dos governos autoritários de nosso passado recente? Quem foi consultado a respeito da conveniência ou não de sua implantação? A julgar pela informação disponível, essa é uma decisão de gabinete, tomada sem consulta à comunidade científica, a técnicos das diversas áreas envolvidas, enfim a todos aqueles cujo interesse coincide com os da sociedade brasileira como um todo. Mas parece que, mais uma vez, um projeto destina-se a beneficiar minorias, que concentram, cada vez mais, poder e riqueza em suas mãos.

Ciro



O assunto é muito sério. Envolve 14% do território brasileiro, mais de um quinto de toda a população indígena e privilegia, sob a desculpa da defesa de nossas fronteiras, as grandes mineradoras multinacionais, cuja cobiça insaciável se volta para novas frentes de exploração. Defender nossas fronteiras contra quem? Contra venezuelanos? Surinamenses? Nações amistosas, que jamais agrediram ou agrediriam o Brasil? Não! Essas terras devem ser defendidas mas de brasileiros inescrupulosos que não hesitam em se beneficiar e aos exploradores multinacionais, a eles entregando solo e subsolo, flora, fauna, índios, tudo.

Então fica claro que levantar a bandeira conservacionista é divulgar ao máximo esse descalabro, fazer com que ele tome conta da opinião pública, em todos os cantos desse imenso país. Que ele assuma sua verdadeira importância, para que sua discussão saia das quatro paredes de um poder decisório ilegítimo para o âmbito da Assembléia Nacional Constituinte que, se espera, refletirá os anseios dos verdadeiros brasileiros. **Roberto Burlle Marx — Rio de Janeiro.**